

ANTONIO CARLOS TÓRTO

A N T O N I O C A R L O S T Ó R T O R O

Título:

EDELWEISS

Capa e Ilustrações: **Antonio Carlos Tórtoro**

Revisão : **Maria do Carmo A. de A. Perone**

Datilografia : **Ana Maria Costa Nunes**

Impressão : **Center Cópias**

Patrocínio : **Dep.Fed.Marcelino R. Machado**

O Senhor é meu pastor:
nada me faltará.

Ele me faz repousar em pastos verdejantes.

Leva-me para junto das águas de descanso;
refrigera-me a alma.

Guia-me pelas veredas da justiça por amor
de seu nome.

Ainda que eu ande pelo vale da sombra da
morte,
não temerei mal nenhum,
porque tu estás comigo:
a tua vara e o teu cajado me consolam.

Preparas-me uma mesa na presença dos meus
adversários, unges-me a cabeça com óleo;
o meu cálice transborda.

Bondade e misericórdia certamente me seguirão
todos os dias da minha vida;
e habitarei a casa do Senhor
para todo o sempre.

SALMO 23

À todos os que escrevem versos e
amam a poesia;

Meus agradecimentos aos **amigos**
que sempre me deram apoio; e ao

Ivo Antonio Clemente
José Augusto Ferreira
Célia Dualiby
Irmã Regina
Maria do Carmo A. de A. Perone

e, em especial,

Ao Deputado Federal, Marcelino Romano Machado,
pelo prefácio e patrocínio que tornou possível
a edição desta obra.

Para vocês,

Lúcia, Giovana, Rodrigo
meus maiores poemas.

P R E F Á C I O

Um mimo.

Não há outra forma de se referir a tão preciosa obra poética, que com honra faço o prefácio.

Harmoniosamente uma cantilena viva se alinha a outra e vamos, com suave ansiedade vivenciando momentos infinitos de inspiração.

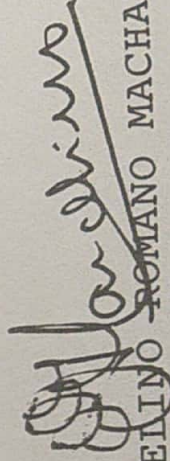
O som melódico entra em nossas entranhas e nos obriga a refletir. A dor passa. A esperança renasce. A vontade de sorrir, o desejo de amar, a fé em viver mesmo em tempo de turbulência, a delícia de ser, a coragem de chorar, tudo se mistura e cresce, forte e ardente, como numa mágica acontece.

Falo de *Edelweiss*, que toca nossa sensibilidade, aguça nossos espíritos e abre nossos corações. Modestamente fala alto, fala puro.

O autor, agora mais meu amigo, de sentimentos natos, inspira para se perceber à volta, como que profetizando a paz.

Poeta e despretencioso, sem artifícios verbais, faz de sua literatura, com objetivos certos e definidos, a ligação com seu público, estabelecendo linha de cumplicidade e consciência do saber, quando enaltece o belo, ao mesmo tempo que mostra as misérias da sociedade em que vivemos.

Resta-nos lembrar que está na solidariedade humana, mais do que em qualquer outro lugar, os destinos reais da humanidade.



MARCELINO ROMANO MACHADO

Deputado Federal

ALGUMAS PALAVRAS

Edelweiss, flor de branco nobre,
símbolo da pureza de difícil acesso e valor inestimável,
transforma-se mais uma vez em poemas.

Poemas e *Edelweiss*, ambos insistindo em sobreviverem nas
rochas da insensibilidade e frieza alpina dos tempos modernos,
ambos sós,
aguardando a mão de um sonhador e mecenas,
daqueles que ainda se encantam com uma bolha de sabão,
que venha tornar possível a publicação de poemas ou
a oferta de um *Edelweiss*,
para o cotidiano de cada um que ainda crê nos
valores essenciais do Homem Cósmico.

Com a mesma resistência e teimosia da flor,
após a edição de ECOS em outubro de 91,
com *Edelweiss*, poemas, busco retribuir aos que me lerem,
a energia que recebi, de tudo e todos os que
me rodeiam e tocam com suas vibrações.

O AUTOR

ÍNDICE

Edelweiss.....	13	Guarda-noturno.....	51
Leitura.....	14	Buraco Negro.....	52
Manacá	16	Insegurança.....	53
Guerra.....	17	Coração.....	54
Nova Arara.....	19	Unidade.....	56
Resto.....	20	Lesma.....	57
Ponte.....	22	Extrema Mente.....	58
Inércia.....	23	Salvador Sem Você.....	59
Pensei.....	24	Aleluia.....	61
Gaiivota.....	25	Dez Anos.....	62
Natal Vermelho.....	26	Sinfonia.....	64
Companhia de Natal.....	27	Ribeirão Prates.....	65
Chama.....	28	Perda e Posse.....	67
Eterno Segredo.....	30	Prancha.....	68
Meu Pastor.....	31	Triângulo.....	69
Adeus Amor.....	32	Tempestade.....	70
A Palavra.....	33	Lá e Aqui.....	72
Pena.....	34	Fluxo e Refluxo.....	73
Santíssimo.....	36	Ondas.....	74
Vigília.....	37	Combate Real.....	75
Dedo na Terra.....	38	Ecossistema de Francisco.....	76
Abutre.....	40	Paradoxo.....	77
Rosa-dos-Ventos.....	41	Malhete.....	78
Morte.....	42	Vaca Amarela.....	80
Talidomida.....	44	Amargo Despertar.....	81
Ilhado.....	45	Grão-Aprendiz.....	82
Pé de Meia.....	46	Apagar.....	84
Cabeça.....	47	Vestes.....	85
Três Pontinhos.....	48	Ladainha.....	86
Olho-de-Perdiz.....	50	Risco.....	87

EDELWEISS

Edelweiss, Edelweiss...
Meus ais de Místicos Alpes
que colherei jamais.

Edelweiss, Edelweiss...
Ritual-flor dos mais antigos
de valores essenciais.

Edelweiss, Edelweiss...
Incenso-flor que sussura
o que palavras não dizem mais.

Edelweiss, Edelweiss...
Música-flor que penetra
interiores entes abissais.

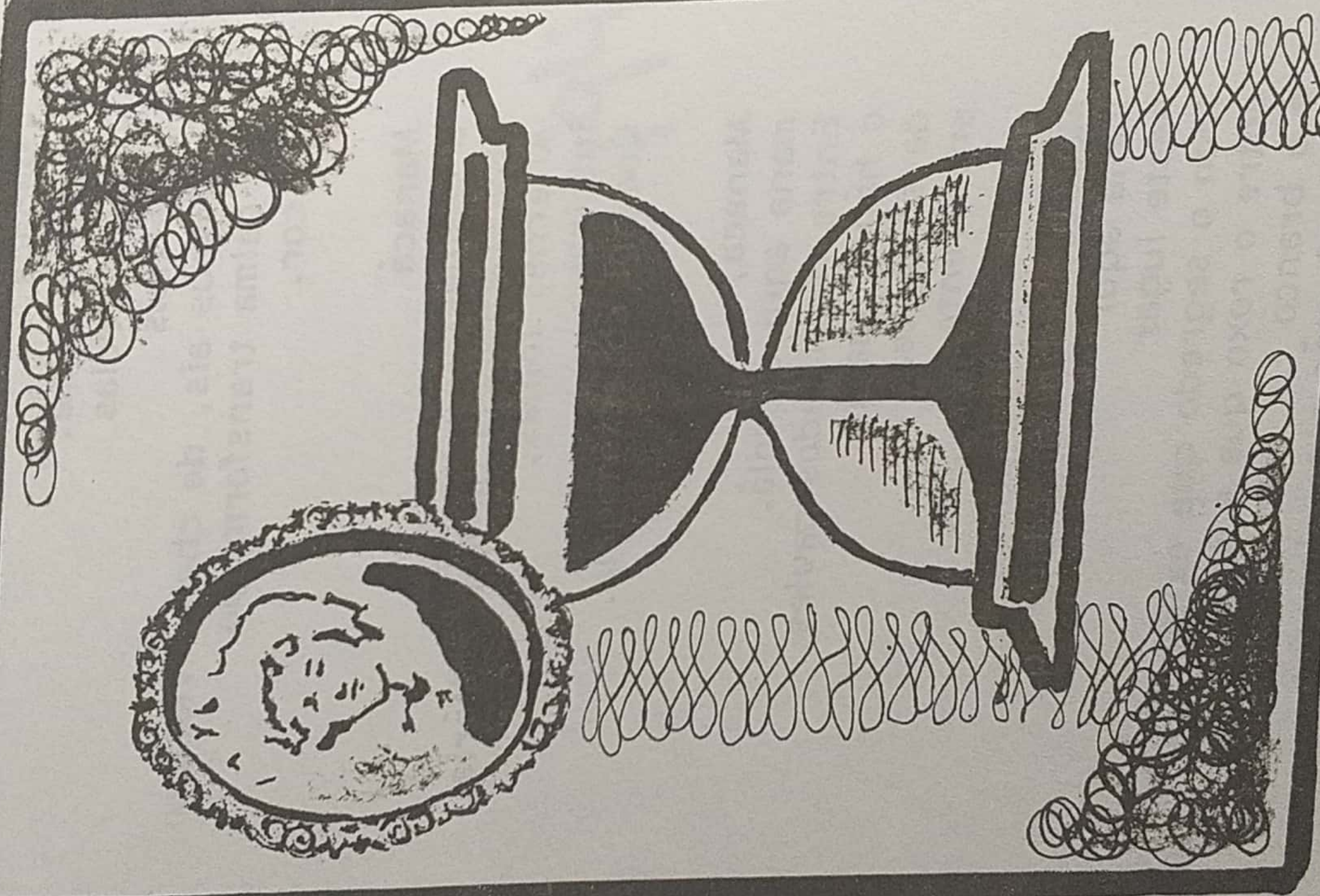
Edelweiss, Edelweiss...
Resistência-flor à opressão
hino e signo de liberais.

Edelweiss, Edelweiss...
Não podendo tocar-te com mãos
cantar-te em versos me satisfaz.

LEITURA

Não escrevi ontem
para os que lêem hoje.
Não escrevo hoje
para os que lerão amanhã.

Mas escrevo
como se fosse mágica
para ler o que fui
o que sou
e o que serei,
num exercício constante
de exploração acásica.



Manacá,
maná da alma.
Para as rolas
e pardais
são seus ais, de cheiro violáceo,
na calma transformação
de cor.

Manacá
a emanar
alva fragrância de flor solitária.
Alternas folhas,
inteiras.
Composição imaginária.

Manacá,
mana aqui e acolá.
Entre ramificados caules,
o hálito quente
da solanácea
envolvente.

Manacá,
mana aqui
neste lugar
todo o segredo que existe
entre o roxo que é morte
e o branco
da iluminação a se alcançar,
tanto aqui,
como ali.

GUERRA

Por entre colinas e vales
Da tropa, caminham ao lado,
Os grandes tanques de guerra
Para salvarem torrão amado.

Levando no ombro a arma
O infante vai seguindo
Serpenteiam as colunas
E no campo vão sumindo.

Batem no chão as botas
No peito o coração
Os lábios fugir não deixam
Soluços dos que lá vão.

Os que atrás deixam amadas
Esperam voltar um dia
Mal sabem quão é a guerra
Dolosa, cruenta e fria.

E anda o grande grupo
E anda fuzil, a mochila
Na tarde vão se perdendo
E a noite já cai tranquila

Nos lares soluços longos
Nas ruas só noite fria.
É finda a mocidade
Que foi tão feliz um dia.

*Luta por tua Pátria!
Luta, jovem, pela Nação
Pensa que es agora — dizem —
Algo sem coração.*

Lutar por quem e por quê?
Para que tanta crueldade?
Será que vale a guerra
O sofrer de uma mocidade?

E marcha negra coluna...
Triste imagem... triste episódio
Deixando atrás lamentos
Levando cada peito... o ódio.

NOVA ARARA

Nossa nova arara
quer a liberdade.

Nem mentira,
nem verdade.

Simplesmente a vida
buscando a eternidade.

Nossa arara
quer o infinito.

Nem feio,
nem bonito.

Simplesmente o voar
buscando fugir do cativo maldito.

Nossa arara
quer o calor.

Nem sorrir,
nem dor.

Simplesmente quer a ventura
de um mundo com mais amor.

Nossa arara
quer o pantanal.

Nem bom,
nem mau.

Simplesmente a natureza
buscando o natural.

RESTO

Tira a máscara

Setenta vezes sete vezes

tira a máscara

encara o que restou

Tira a pele.

Setenta vezes sete vezes

tira a pele,

repele o que restou.

Não tenha dúvidas.

Por setenta vezes sete vidas,

não tenha dúvidas

sobre o que restou:

Restou invólucro

do seu Deus interior.



Não há pontes
por sobre o teu rio,
que não sejam pontes construídas
por ti.
Somente tu,
como caminho

No mundo só, existe
um caminho.
Um caminho só existe
neste mundo,
que por ali
somente tu
podes passar.

Não sei para onde leva
teu caminho.
Não sei qual é o rio
a ultrapassar.
Só sei que o construístes
com tua vida.
Só sei, deves segui-lo,
e só...
Sem perguntar.

INÉRCIA

Tigre na armadilha,
tiro covardia,
pele inerte.

Elefante em liberdade,
tiro traiçoeiro,
corpo inerte.

Bicho-homem no planeta,
tiro à vida,
alma inerte.

Deus do Universo,
tiro ao alvo
da humanidade inerte.

PENSEI

Pensei em dar
minha vida ao oceano,
mas com tanta onda,
tanta água,
tanto sol,
tanto azul,
tanta força
e tanto ir e voltar
que faria ele
da pouca vida que eu poderia dar?

Talvez nada,
talvez tudo.
Talvez mais um Deus do lugar,
talvez uma ostra,
talvez um siri,
talvez uma estrela,
talvez um talvez que nem posso imaginar.

Então resolvi
minha vida não doar
e simplesmente viver
como a gaivota no ar:
sorvendo a liberdade do infinito
e sentindo como é bonito
harmonizar-se com o mar.

GAIVOTA

Imóvel, na tentativa
de vencer vendaval,
a gaiivota bate asas
mas mal consegue voar.

O vento vem para a praia
abatendo tudo que encontra,
ensaia todas as formas
de ao oceano impressionar.

O mar aplaude com ondas
a luta entre ave e ar
os gritos de suas águas
na serra vão ecoar.

Mas luta tão desigual
não agrada ão Criador
que com amor intervêm
dando fim ao temporal.

À gaiivota dá a ilha
que ela tanto procurou
ao vento a liberdade
que pela força conquistou.

NATAL VERMELHO

Foi Natal ontem.

Em Belém

a Bandeira do Menino

foi hasteada aos quatro cantos da Terra
iniciando o Cristianismo.

É Natal hoje.

No Kremlin

a Bandeira Vermelha

é arriada aos quatro cantos do vídeo
findando o Comunismo.

É Natal sempre.

No Universo

a Bandeira da Paz

é visível aos quatro cantos do Cósmico
eternizando o Altruismo.

Foi Natal ontem, é hoje e sempre
eternas primavera sem setembro.

Só o homem na sua ignorância
e por conveniência
o comemora em dezembro.

COMPANHIA DE NATAL

Comemorem o Natal
sem mim.
Sempre assim.
Sem um fim.
Não faço falta.

Comemorem o Natal
sem mim.
Sempre assim.
Até o fim.
Ele não faz falta.

Comemorem o Natal
sem mim.
Sempre assim.
Enfim é só uma data,
e o tempo é o que não falta.

Comemorem o Natal
sem mim.
E em sendo assim,
assim seja,
pois Sua companhia
não me falta.

CHAMA

Sou chama

no incêndio de Deus.

Devo envolver...

aquecer...

arder...

Devo iluminar...

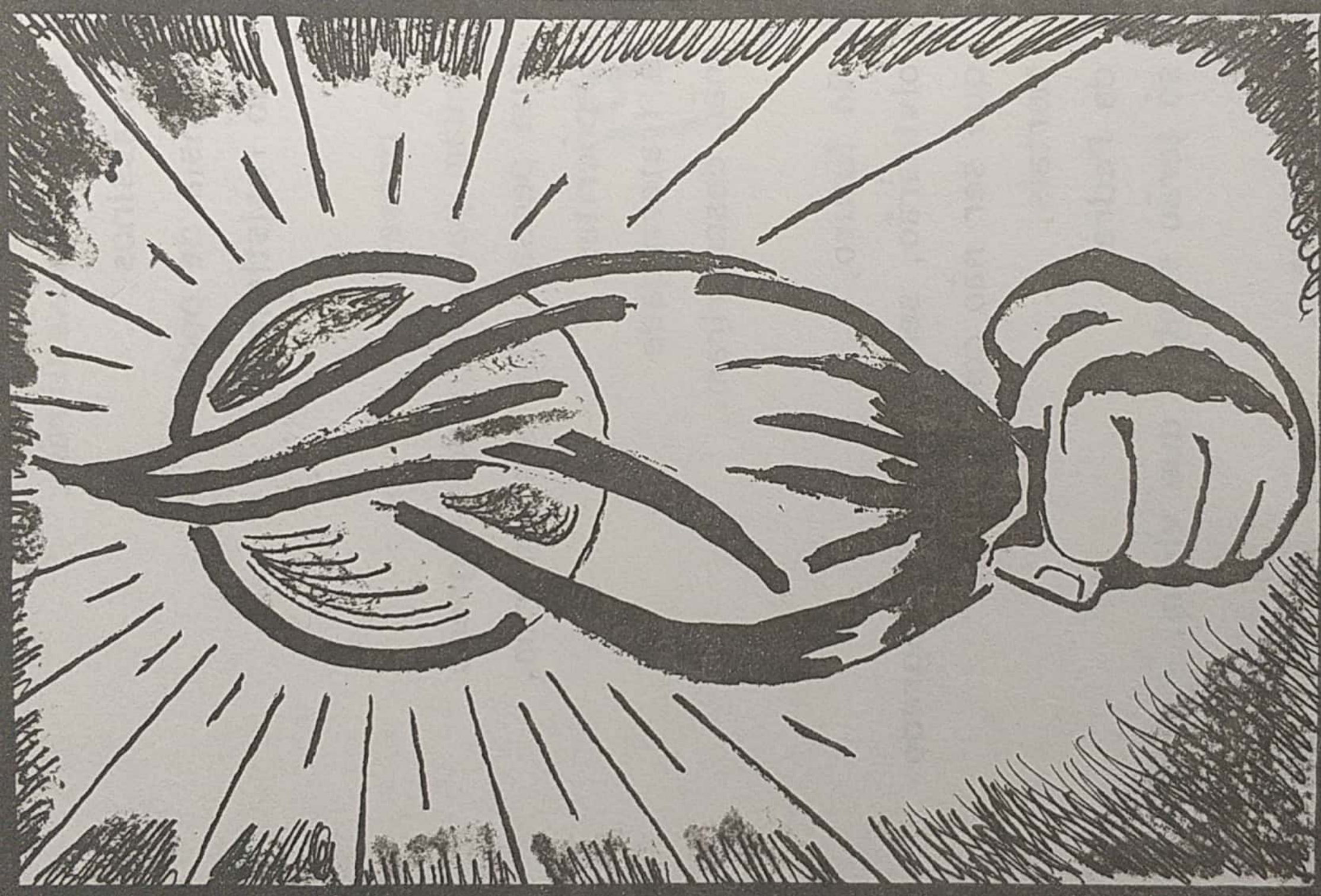
queimar...

purificar...

Devo ser...

e amar...

Em devolução.



ETERNO SEGREDO

No passado,
mataram para obter segredo
e não o conseguiram.
Assassinos,
à ânsia de poder
não resistiram.

No presente,
isolam para esconder segredo
que pensam que conseguiram.
Hipócritas,
a fraternidade
não descobriram.

No futuro,
olvidarão, sem perceber, segredo
que ser não conseguiram.
Mortais,
da Pedra
só terão sombra que viram.

No sempre,
conterão o segredo
do Édem ao Apocalipse.
Homens,
De Deus, Grande Arquiteto,
só para Templo serviram.

MEU PASTOR

Quando a alma invade horror
qual noite negra retardando amanhecer
e o abismo atrai mais que céu.
O Senhor é meu pastor,
é a arma.

Quando a lágrima de olhos turva a cor
sem esperança de algo acontecer
e talvez é um nunca.
O Senhor é meu Pastor,
é a saída.

Quando o remédio não alivia a dor
com cruel pesadelo desvelando sonho
e ter é a melhor forma de ser.
O Senhor é meu Pastor
é a âncora.

Quando o sorrir confunde-se com desamor
quem sabe por inocência ou má fé
e o próximo se perde de vista.
O Senhor é meu Pastor,
é o Salmo,
é minha calma
na palma da mão de Deus.

ADEUS MAR

Lar e mar se confundem
na emoção da partida
o coração quer ficar,
saudades pede despedida.

É um querer ficar mas indo
é um ir querendo ficar
é vontade levar para casa
um pedacinho do mar.

No desencontro de vontades
uma lágrima se perde
nas ondas da indecisão
e areias realidades.

Rosto voltado para a serra
dando adeus aos oceanos
com cheiro de mar nas narinas
e o desejo de voltar em outros anos.

Lar e mar se confundem
na emoção da subida
a saudades quer ficar
coração pede despedida.

A PALAVRA

Senhor
eu não sou digno
de que entreis em minha morada
mas disseste A Palavra
e adentrei a Vossa.

Senhor
eu não sou digno
de que entreis em minha vida
mas dissestes A Palavra
e revivi a Paixão.

Senhor
eu não sou digno
de que entreis em minha alegria
mas dissestes A Palavra
e visitei a Bahia.

Senhor
eu não sou digno
de que entreis em minha dor
mas dissestes A Palavra
e conheci Salvador.

Senhor
eu não sou digno
de que entreis em mim
mas disseste A Palavra
e eu chorei,
na Igreja do Senhor do Bonfim.

PENA

Que pena
não ser jovem.

Que pena
não ter saúde.

Que pena
não ter dinheiro.

Que pena
não ser feliz.

E com a pena
e o tinteiro
ficar sonhando
o que não fiz,
apenas.



SANTÍSSIMO

A lâmpada do Santíssimo
recebeu-nos no Domingo
e um pingo de inveja tocou-me
ao pensar em Madalena.

A cena do Cristo redívivo
após morte no Calvário,
deve ter sido tão forte
que sorte alguma a supera.
A espera de dois dias
sem a presença da Luz
foi como não ter a alma
e a calma que à Paz conduz.
Foi incômodo inefável
mesmo estando Ele vivo,
foi sentir-se um cordeiro
sem o pastor que o guie.

A lâmpada do Santíssimo
conduziu-me a Pentecostes,
a Luz Que Nunca Se Apaga
transportou-me a Emaús...

Mas continuo um homem
carregando a própria cruz.

VIGÍLIA

Ladram os cães na madrugada
mas a caravana dos meus sonos
nem chega,
nem passa,
unicamente os cães ladram
na somente,
tristemente,
minha madrugada
sem sonos,
sem sinos,
sem sonhos,
e sem esperança
de poder despertar
desse nada.

DEDO NA TERRA

João descreveu a cena da adúltera com Cristo mas escondeu um segredo que seu Evangelho encerra...

O que um Deus com o dedo escreveria na terra?

Nomes, datas ou fatos algum incrível relato, especial lei romana?

Um número cabalístico ou pensamento místico? Elucubração humana?

Um versículo do Levítico, (algum comentário crítico) capítulo do Deuterônimo, binômio escrito na areia que o homem cumpre jamais?

E a pergunta se repete...

Seria a palavra perdão ou uma frase de amor?

Um peixe estilizado, uma simples previsão ou setenta vezes o sete?

Seriam fórmulas Cósmicas; Universais orações?

Poderia o Filho de Deus pôr-se a fazer rabiscos fugindo às tentações?

Não, não e não.

A resposta é sempre não.

...

...

Alguma coisa perdeu-se
no chão do Templo judaico
coberto por pedras depostas,
pelas mãos acusadoras,
que em mim atiraram dores
da pergunta sem resposta...

O que um Deus com o dedo
escreveria na terra?

ABUTRE

O abutre ronda
espia
vigia
procura
espera
se esmera na busca.

O abutre sonda
nos vales
nos montes
nas matas
no mar
mas algo o ofusca.

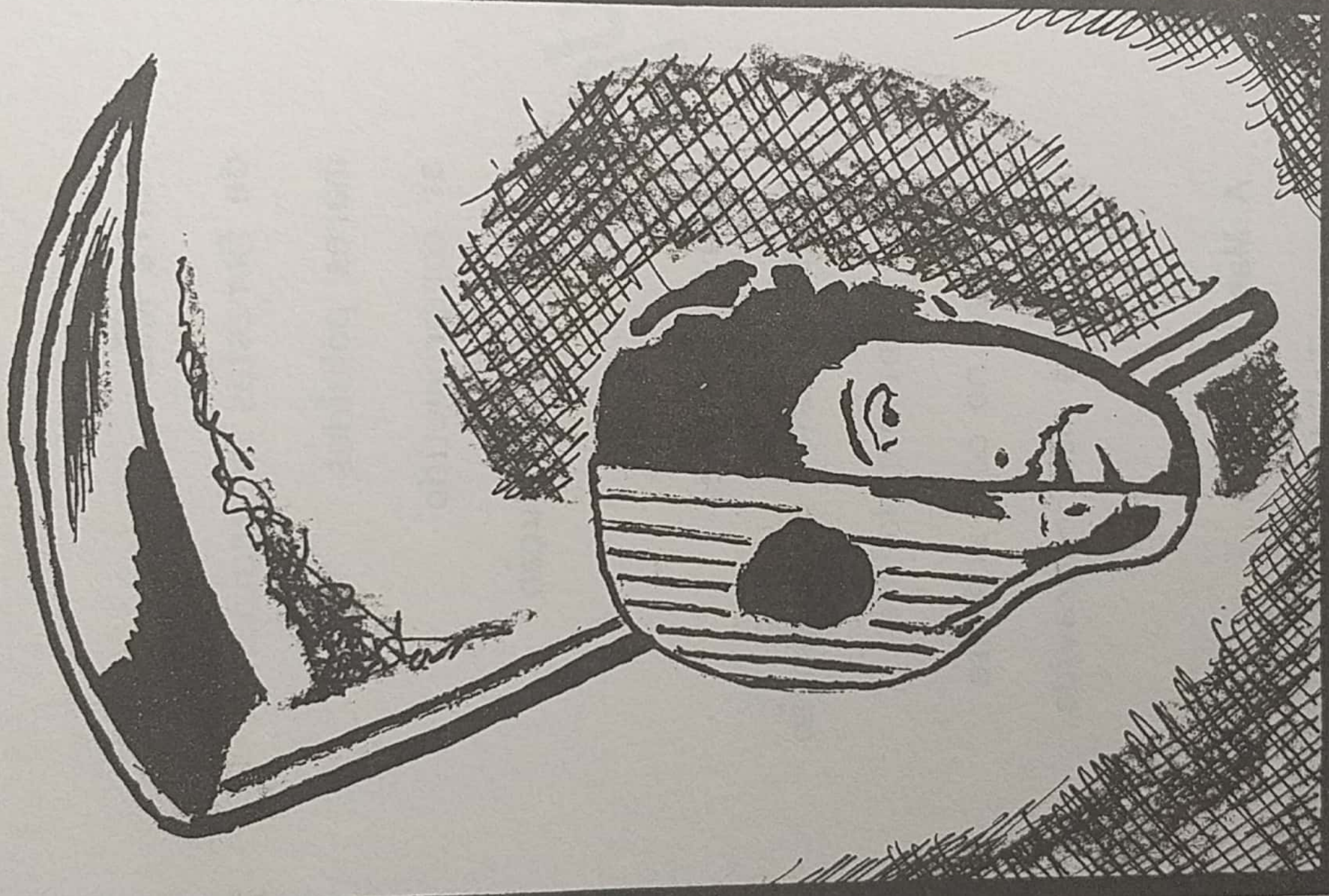
E o abutre encontra o fruto
da morte
do erro
da falha
da injustiça
e agarra,
apesar do belo que o rodeia,
a desejada carniça.

ROSA-DOS-VENTOS

Vencendo escarpas
em busca da Perfeição
cavalguei Pégasos
refleti realidades
domei sonhos
perdi amores
afaguei unicórnios
senti dores
visitei Atlântidas
sangrei eventos
ferido por espinhos
de uma Rosa-dos-Ventos.

MORTE

A morte
empunha o alfange
segue o rito
range os dentes
aperta o passo
e parte certa
objetiva
na caçada
para o extermínio
inexoravelmente escrito,
sem alerta,
sem dó,
de um matagal
no Paraíso.



Terra-Mãe
de florestas destruídas
mares poluídos
ar comprometido
e solo sem produção.

Terra Prometida
de humanidade em extinção
pele de ozônio doente
manchas no colo ardente
onde nada mais engravida.

A Mãe da Terra
sorveu Talidomida.

ILHADO

Estou ilhado
isolado da civilização.
Falta-me chão,
dia seguinte é incógnita.
Insólita sensação
de vazio fado
em pleno século vinte.
Não posso sair,
o direito de ir e vir
me foi roubado.

Pressinto que não sou,
porque não vou
nem volto
e quase me revolto,
desesperado,
sem ação,
com minha triste sina
de escravo da máquina,
viciado em gasolina,

tendo minha única condução
quebrada numa oficina.

PÉ DE MEIA

Algo não me agrada
nos versos que escreveu:

Seria o som
o conteúdo,
a simetria que não ocorreu?

Seriam os versos brancos
no ritmo das assonâncias
ou a aliteração constante
com figuras de oposição?

Seria a alegoria
interposta na metáfora
seguida à sinestesia
combinada com anáfora?

Ou seria só descompasso
da rima com cheiro de meia
de pés métricos de um verso
o que tanto me chateia?

CABEÇA

Tomou da tela
e destacou o fundo azul
onde manchou o branco
da alva pele.

A seguir, dois olhos verdes
e a boca rubra,
beijou com o pincel.

Deitou a noite
em forma de cabelos
e respirou paixão
por nariz arrebitado
da mulher perfeita.

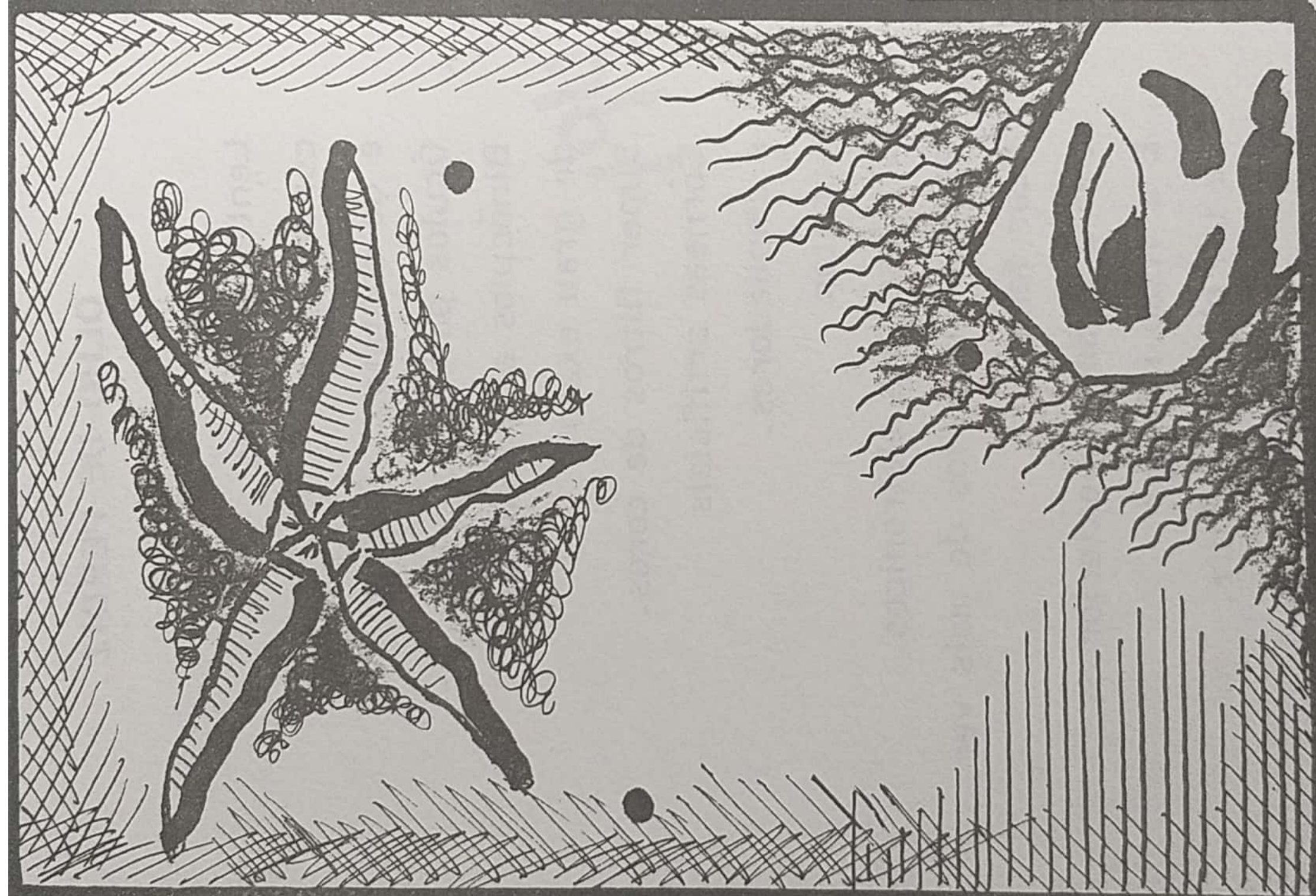
Só então percebeu
que tinha a cabeça feita.

TRÊS PONTINHOS

O Grande Arquiteto pensou,
criou nosso oceano como versos
e possivelmente muitos outros
para ornamentarem Universos.

Tão rápida criação de seres
envolvendo terra e ar,
até ao Criador confundiu
colocando estrelas... no mar.

E ao fim de alguns dias,
assinou obra com carinho
não se esquecendo de incluir
os três pontinhos das Marias.



OLHO-DE-PERDIZ

Lentes côncavas
convexas

e de contato.

Óculos potentes.

Binóculos astronômicos
de grau exato.

Super filtros de cores.

Córneas artificiais
e ampliadores.

Lunetas

e telescópios eletrônicos.

Biônicos inventos de mais ver,
ficar feliz

com a ilusão do exterior...

E a visão interior

de um olho-de-perdiz.

GUARDA-NOTURNO

Um apito noturno...

E mais um turno consecutivo
denuncia e acusa
o guarda que solitário
engole o grito.

Um grito diurno...

Mais um dia exaustivo
vivenciado pela causa
do Árbitro Solidário
que engole o apito.

Grito versus apito,
ataque e contra-ataque
das vagas incontidas
de noite e dia,
quando um guarda
compõe noturno,
poema e sinfonia,
soturno...

BURACO NEGRO

Do tecido que envolve espaço-tempo
um disco imaginário se aproxima
em Cósmico e mágico momento
que um vórtice de emoções anima.

Em retilínea rota de colisão
o bólido caminha para um fim
prestes a cruzar a multidão
de corpos e pernas em torno a mim.

É tamanha a sensação de alegria,
a atração que por momentos nos invade,
que de buraco negro é alegoria.

Falta a atração da gravidade,
não dá para fugir à euforia,
de um GOL, na brincadeira de verdade.

INSEGURANÇA

No fio da navalha
a carne do corpo inteiro
e da alma,
num rasgo de insegurança.

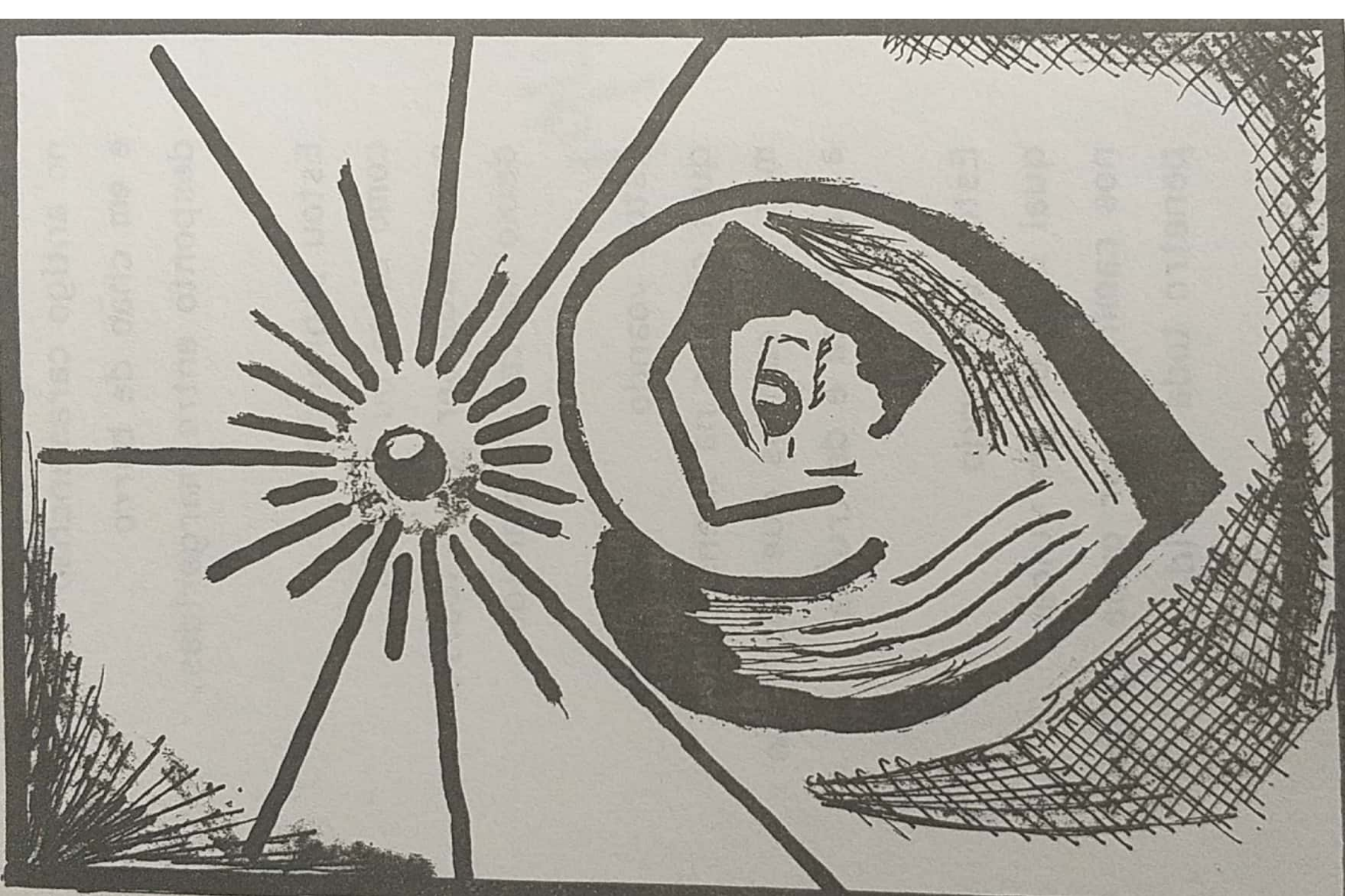
O instinto clama em mântas
por um cão de Atenas
em cada Capital ou *chakra*
e implora o ritual da busca
antes que todos estejamos
num tonel,
ou com nossas mãos de Cleópatra
no mesmo cesto de serpentes,
sem solução.

Na desesperança
é cruel pensar
que há uma hora e lugar
para cada desafio ou teste
mesmo sabendo incontestemente
que haverá hora e lugar
para cada manifestação sublime
que emanará do âmago
e modificará o real,
fazendo enfim, voltar-se o homem
como solução,
para a Luz
a Vida
e o Amor,
já muito além do bem e do mal.

CORAÇÃO

Coração tem pernas,
braços,
cabeça em euforia
e tronco em movimentos.

Tem olhos baços,
nariz,
ouvidos
e boca abertos
para dizerem a Deus
em agradecimentos
o que calam as palavras
e o corpo estático
nos apoteóticos momentos.



UNIDADE

Estou florindo
no antigo caramanchão
e em chão de barro
desponto entre margaridas.

Estou soprando
como brisa ou furacão
e em cada ser que esbarro
deixo marcas na partida.

Estou voando
qual condor na imensidão
mas nos campos que sobrevôo
a natureza é destruída.

Estou brilhando
qual lava de um vulcão,
nos caminhos por onde escôo
penetro toda a ferida.

Estou amando
em plena harmonização
pois sou tudo e estou em tudo
sou unidade Cósmica da Vida.

LESMA

Como se arrasta o tempo
quando carrega a saudade...
Caminha um passo à frente
retorna dois, três atrás.

Como estaciona o tempo
na ausência da família...
O ponteiro anti-horário
persiste em não trabalhar.

Lesma pegajosa e frio momento
pesada alegoria na Sapucaí
que se recusa a sair no carnaval
da ânsia.

A hora que não passa é vendaval
que joga o pensamento lá e aqui
em orgia transformando o isolamento
da distância.

EXTREMA MENTE

Extrema Mente,
lindo e assustador
é flutuar raras jóias
dispostas em negro veludo
da noite.

Extrema Mente,
calmo e tranquilizador
é sentar-se em triplas poltronas
dispostas confortavelmente, lado a lado,
do 747.

Extrema Mente,
só e desesperador
é sentir a turbulência
com a respiração em busca
da vida.

Extrema Mente,
Divino e Cósmico
é voar sobre o Rio
e no pouso, sentir a mão
do Redentor.

Extrema Mente,
infinito e inefável
é ser um pássaro noturno
com corpo de aço e o olhar
de Deus.

SALVADOR SEM VOCÊ

Salvador sem você
é mar sem Amaralina,
praia sem acarajé,
farol de Itapua
sem Vinícius de Moraes.

Salvador sem você
é coco fresco sem água,
vatapá sem a pimenta,
Barra sem farol
e areia a ser pisada.

Salvador sem você
é Museu sem azulejos
da Ordem de São Francisco
cantando Lisboa antiga
e ouro de Santos ocos.

Salvador sem você
É Igreja do Bonfim
sem o Cristo e fitinhas,
Pelourinho sem baianas
e Campo Grande sem Mercês.

Salvador sem você
é semana de carnaval
sem famoso trio elétrico,
é Gantuá sem menininha,
futebol sem o Bahia.

Salvador sem você
é Praça Municipal sem os pombos,
Pelourinho asfaltado
sem as *cabeças de negro*
e elevador Lacerda.

...

...

Salvador sem você
é Plano Inclinado sem bonde,
Baixa do Sapateiro sem ladeiras,
baiano sem sotaque
e Terreiro sem turista.

Salvador sem você
é Oludum sem o som
Mercado Modelo
sem comércio,
capoeira sem berimbau.

Salvador sem você
é Santo de roça sem manto
ou Forte de São Marcelo
sem os encantos do mar
e cenário de Itaparica.

Não há Salvador sem você
e a saudade ocupa o vazio
da Capital da Bahia,
dos corredores das Mercês
e do sol no fim do dia.

ALELUIA

O bem-te-vi
bem me viu
na manhã da sexta-feira
em um jardim de Semíramis
que na quinta me acolheu.

O bem-te-vi
bem me viu
com saudade da família
ansioso pelo retorno
pós Páscoa que não ocorreu.

O bem-te-vi
bem me viu
compondo estes poucos versos
apreciando a natureza
que Deus em Cotia escreveu.

O bem-te-vi
só não viu
o meu coração envolvido
pela aura do Cristo vivo
que, Aleluia!!
Não morreu.

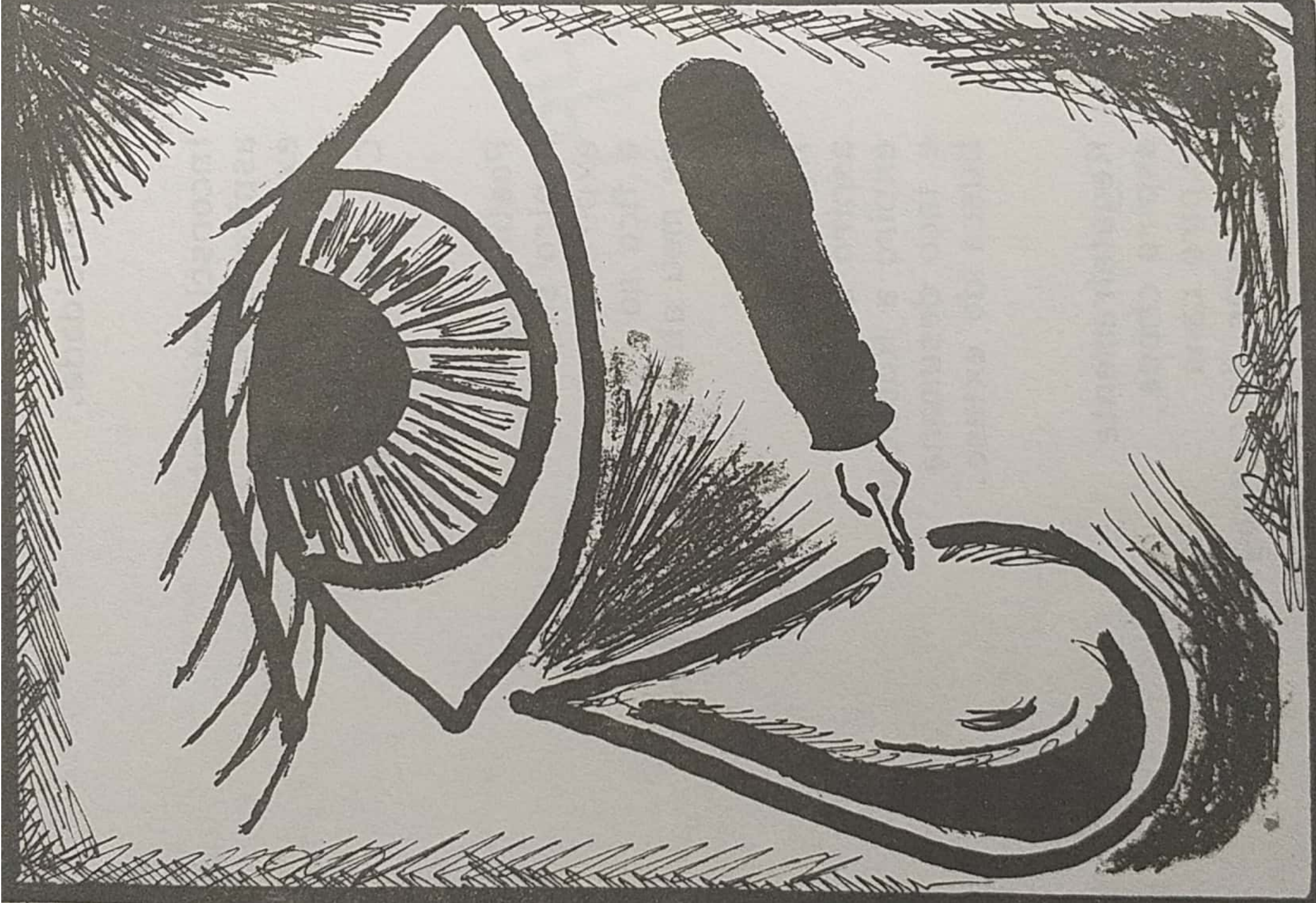
DEZ ANOS

Dez anos, qual Jacó
Labão servindo
pressinto que nem Lia
e nem Raquel desposarei,
serei um educador
sem alegria
que pensando educação
esqueceu vida.

Dez anos, de Sancho Pança
ou Quixote,
vendo em moinhos
gigantes a enfrentar
verei mais um sonhador
em agonia
a ter no espelho
minha imagem refletida.

Dez anos, qual ninguém
a alguém servindo,
sinto esmorecer energia
e que respeito jamais receberei,
chorarei um professor
que Servia
em tempo integral
à escola com amor assumida.

Dez anos.
Dez amigos.
Dez encantos.
Dez moedas e uma vida
tão curta
para tanta decepção na despedida.



SINFONIA

Fotossinteticamente
aspiro Mozart,
expiro amor
e fico, cor
da felicidade.

Inconscientemente
aspiro Bizet,
expiro Borodin
e faço enfim
C smica sinfonia.

Poeticamente
aspiro sol,
expiro suor
e fico ao redor
de meu abismo mais profundo.

Infernalmente
aspiro Berlioz,
expiro a Rusticana
e fa o desumana
busca do extase.

Regateiramente
aspiro chope,
expiro cana
e ao soar de gonzaguiana
ilumino meu astral.

Divinamente
aspiro vibra es,
expiro harmonia
e sou a alegria
incontida da Ilumina o.

RIBEIRÃO PRATES

Sacudi poeira
que a Vila Tibério espargiu
e sob Baobás e velhas figueiras
surgiu Prisco, o Prates,
que *Relembrando o Passado*
cantou Pé de Anjo com Choro Quadrado
tendo aos pés Fuzarca, canina memória,
ao lado de Dona Cota centenária
a refazer história.

Ouvi o som do Café Nunes
e do Eldorado Paulista
que Motta deixou de retratar.
Vi passar Cacheta
e a mundana Etelvina em seu caixão.

Com emoção aplaudi Serrote
e Floriano *marmelada*
que na terra de São Paulinho
apresentavam Circo Ribeirão
ao Rei dos Belgas Alberto I
e ao incerto Quinzino
Embaixador do Tahiti.

Li nos jornais da época
as histórias de mil réis.
Da triste sina de Batista
à de Idalina com seu noivo *Lorival*,
das cruéis façanhas de Arruda
à muda exploração de Da Gama
avarento e agiota.
Admirei a coragem do patriota Américo
soldado-herói sem fama.

...

...

E o menino de Pitangueiras
nascido em Caculé autoidata
Enciclopédia e Dicionário nas mãos
convida homem de fé Euclides
que aguarda no Oriente há longa data
a adentrar Legião.

O Padre levanta os olhos
sonha os *Sonhos de um veterano*
e convida *Ribeirão*
e os seus *homens progressistas*
a voltarem suas vistas
a *Ribeirão Preto de Outrora*.
Posso imaginar o que sente.
Parece-me que chora.

Prisco e Euclides
seguem rumo ao caduceu de Mercúrio.
Fazem-me um sinal carinhoso de Adeus
e vão-se embora
acordando-me o murmúrio
da TV já sem imagens
dado o adiantado da hora.

PERDA E POSSE

Sob manto do pelicano,
penetrei como sexto filho
já irmão não sendo mais.
E no átrio em mosaico
esperei,
o que sei
não serei jamais.

Foi forte a emoção de estar no grupo
à que Templário Cavaleiro deu seu nome
e ouvir tantos augúrios e desejos
na busca da perfeição e do saber.
Chorei.
porque sei
não ser tão fácil a paz.

Foi lindo o ritual de perda e posse
não fosse a tristeza dos que vão.
Em vão os incentivos dos que ficam
em busca de maior elevação.
Admirei,
pois sei
o jovem acredita no que faz.

E sob encanto do momento
de sete velas e virtudes ideais,
deixo à juventude o desafio
de conscientes lideranças construir.
E De Molay,
como sei
continuará vivo uma vez mais.

PRANCHA

Debaixo do braço
em compasso,
passeia ela e amante.
É par que em constantes ondas
se falam versos de amor.

Sempre bem produzida
e conduzida em carinhos
sua branca pele irradia
a pureza de condição.

Atada ao pé do escolhido
desmente sua liberdade
que em verdade evidencia
sua destreza sem par.

Mas é no dorso das ondas
que amada e amante a surfarem
revelam toda harmonia
de prancha e surfista no mar.

TRIÂNGULO

De pé
um olhar do Papa
respondido intensamente por outro
de fé,
da Mama.

As Luzes se confundem,
se cruzam sob o Filho,
inundam o Triângulo.

E tanto Mistério
entre Céu e Terra
envolvendo
Dulce e Paulo
faz o *Olho-que-tudo-vê*
chorar.

TEMPESTADE

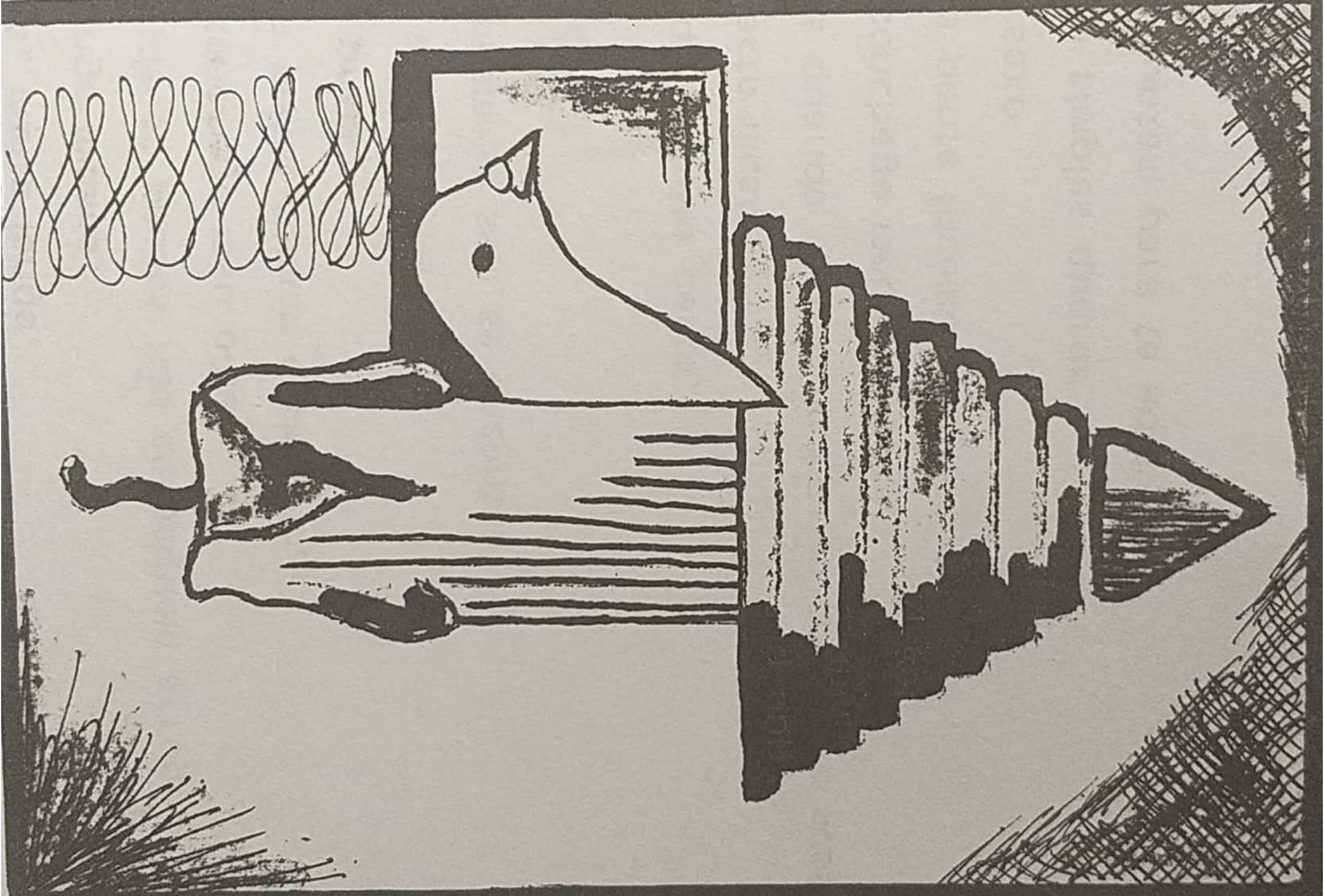
Como é triste e medonho
o pranto do litoral:
chora a criança sem praia
e o adulto sem sol.

O vento sul assovia
e envia rajadas constantes
parecendo por instantes
que o mundo vai acabar.

O mar explode em ressaca
e saca sua força de abismos
água e ar se compõem
como se a tragar a terra.

É cena com luz e som
é mostra a impressionar
um filme que se repete
nos verões do litoral.

Mas mal o choro termina
e tudo volta ao normal
o céu enxuga os seus olhos
e distribui conchinhas o mar.



LÁ E AQUI

Lá, muito longe,
longe mesmo,
onde os passos não conseguem arrego,
aconchego meu olhar
no ponto comum onde o mar
a praia
e a montanha
beijam-se sem se encontrar.

Aqui, muito perto,
perto mesmo,
de quando o coração já não consegue sossego,
aconchego meu sonhar
no ponto incomum onde o amor
o sexo
e o simples querer
se juntam para te adorar.

FLUXO E REFLUXO

Apesar de estático,
é sintomática a sensação de flutuar
no fluxo e refluxo das ondas
que inundam o branco areal.

É irreal o movimento
o momento porém é concreto
e indiscreto olho de siri
se ri com boca de farsa que diverte.

É como flerte
com mulher prometida,
é pressentida ilusão de que será
mas dia virá em que amante distraído
ver-se-á traído pelas ondas do rubor.

E só ardor restará do instante
que o borbulhante vagalhão sentimental
fez real apesar de enganador,
como do amor o sutil fluxo e refluxo,
que ilude sempre nas praias do ideal.

ONDAS

Ondas sucessivas, borbulhantes.
Espuma louca dos lábios do oceano.
Insano monstro invade continente,
incontinentemente
ganha espaço e emoção
e como cão vai raivoso abocanhando
cada pedaço que encontra de chão.

Em constante êxtase complexo
eis meus desejos
a procurar teu sexo.

COMBATE REAL

Era uma vez, no Hermon.
Estrelas cintilavam
iluminando espadas e alfanjes.
Os canhões a postos
aguardavam amarela pólvora
prontos a fazerem fogo,
um bom fogo,
o mais vivo dos fogos.
As picaretas misturavam o verde
e o vermelho à areia branca
nos jogos de demolir materiais.
Bandeiras tremulavam ativas
ao som de baterias
e tríplices vivas
de oficiais e aprendizes.
Por sete vezes
uma leve brisa percorreu
e fez vibrar o espaço
dos guerreiros da Arte Real,
e apertou-se o laço,
o nó.

Só restava buscar o Oriente
realinhados os ideais,
combatendo bons combates
pela liberdade, igualdade
e fraternidade
que se almeja.

Assim foi...
E que sempre seja.

ECOS DE FRANCISCO

Olhar do gato e do cão.
Tocar do manacá e da roseira.
Iluminar do fogo e sol.
Lavar do batismo e mar.

Olhar da gazela e do leão.
Tocar do mal-me-quer e bananeira.
Iluminar da estrela e do farol.
Lavar do grande rio e do luar.

Olhar da pomba e gavião.
Tocar da hortências e da mangueira.
Iluminar do nú da alma e branco do lençol.
Lavar da chuva e do chorar.

Olhar, tocar, lavar e se iluminar.
Sentir no rosto o vendaval
que embala da tempestade ao cisco.
Vislumbrar a todo momento,
no Cósmico,
o São Francisco.

PARADOXO

Sou homem,
mas com super olhar telescópico
exploro o Universo
ao infinito
e sou verme.

Sou homem,
mas com super olhar microscópico
exploro o invisível
ao infinito
e sou gigante.

Sou homem,
mas com simples olhar interior
exploro minh'alma
ao infinito
e sou Deus.

MALHETE

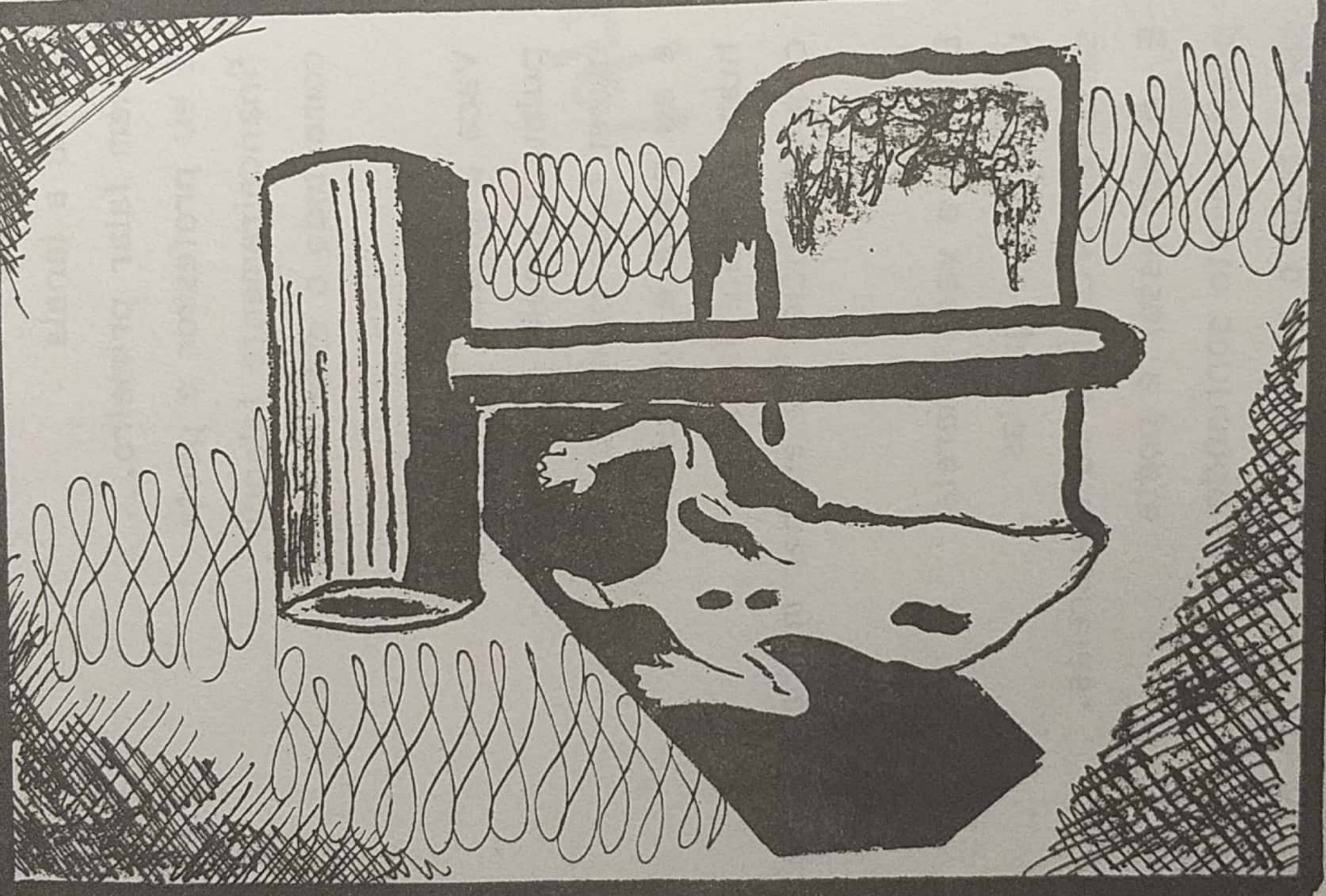
Liberdade, igualdade, fraternidade
O soar do Tau transcendente
Vibrante sobre batente do altar
Vai do Oriente ao Ocidente
Anunciar sentimentos nobres
Força de vontade.

Liberdade, igualdade, fraternidade
Respeito, silêncio.

Das mãos de Tubalcaim
O traço de união se infunde no peito
Em espíritos e nas almas
Eliminando asperezas da ignorância.

Liberdade, igualdade, fraternidade
Respeito, silêncio, luz
Sabedoria, beleza, autoridade

Sinto o cheiro de carvalho
Do orvalho das planícies do Jordão.
Nada perturba magnitude da obra.
Sobra grandeza oculta
Na linguagem culta do malhete
Unindo luzes e irmãos.
É Salomão nas mãos de Deus, enfim
Forjando pequenos aprendizes
Nobres companheiros
Pereitos Mestres
Adonai Eloim.



VACA AMARELA

Vaca amarela
pulou a janela
quem falar primeiro...
e eu professor e poeta
financeiramente falando
como todo o esterco dela.

Vaca amarela
pulou a janela
quem falar primeiro...
e eu poeta e professor
humanamente falando
com sacrifícios fiz encher minha panela.

E como a vaca amarela
unicórnios e gazelas
saltaram arco-íris de aquarelas.
E eu professor e poeta
poeticamente sonhando
sorvi todo o nectar
de mil vidas que fiz belas.

AMARGO DESPERTAR

Neste nascer de dia
Que agonia... após reveillon
O primeiro de noventa e um...
É incommum
Parece o último primeiro.

Nem em catorze ou trinta e nove
Comove tanto tal parir de um dia.
Não dá para sorrir
Fica um grito na boca
Espoçar do rojão com primeiro raio
Mas é pouca a esperança no porvir.

Quase todos dormem...
Quase grito... feliz ano novo
Povo... quase choro
Quase morro
Engasgo um urro
Um murro à realidade.
Quasíssimo despertar
A esperar o apocalipse no Oriente Médio
Não tem remédio o desamar
É a terceira guerra
Nuclear...
Nu...
Ar...

GRÃO-APRENDIZ

Como é bom ser aprendiz
Não falar
Somente soletrar
Calar-se... nada dizer
Não dividir
Não compactuar
Não medir forças
Não saber das potências
E pensar haver só uma.
Sendo fiel à ela
Formar belas imagens
Entre colunas.

Como é bom ser aprendiz
Banhado pelo orvalho dos Montes de Sião
Abençoado pelo óleo precioso
E sob barbas que pensa
Serem de Arão.
Olhar as luzes e ainda ver
Na jônica a Sapiência
E na dórica a Força.
Desconhecer que forças medem-se
Não no sul
Nem no setentrão.

Como é bom ser aprendiz
De avental bem branco
Ter andar sempre horário
Fiel ao essencial compasso
Ao espírito fraterno.
Estar longe de elevações
Viajar pelo itinerário
Interstícios todos aguardando
E adentrar seu Templo
Acreditando ser único o Universo,
O ideal... o passo.

...

...

Como é bom ser aprendiz
E trabalhar a pedra bruta
E na labuta precisar do irmão.
Não ter ainda a pedra pronta, polida...
E sua vida aberta a comunhão.
Não ter dúvida quanto ao querer
E sem poder algum
Crer na igualdade
Na liberdade.
Saber ser grão.

APAGAR

Apaga o quadro... a luz
Conduz seu passo para o corredor
Com a dor de quem não mais conduzirá...
E só se lembrará... com muito amor

Entra vacilante na sala do café
A fé abalada na imortalidade
A idade refletida nas vezes do ato repetido...
Suspira sem sentido... nada diz...
Larga o giz com anos-luz rodados.

Retira o jaleco... olha o nome ainda no armário
E no cenário é atriz... último ato.
Com recato ajeita o cabelo
Sem vê-lo já grisalho... ralo
E num estalo fecha o livro
E livre do ponto... antevê final.

Olha ao redor... mural de avisos
E vê sorrisos que o bedel não vê...
Lê o aviso de um novo professor...
Com ardor de febre desce escadarias
Ouve a gritaria no pátio... de adeus
São seus últimos dias... de folia.

A lágrima assina a rescisão...
É tão cruel lembrar no último o primeiro dia...
Agonia indizível encerrar um magistério
Mistério de paixão e morte preservado
Só igualado com o perder da própria vida
Irremediavelmente concedida...

VESTES

Rasgo minhas vestes
ante a perda
da consciência do real.
Busco atrás do vídeo
a vida,
mas só encontro desertos
e pestes.

Rasgo minhas vestes
perante a importância
de um Deus exterior.
Não encontro no escuro
a luz perdida,
e no túnel do fim
só o pavor

Rasgo minhas vestes
diante o nada
do não ser em extinção.
Cubro de cinzas a cabeça,
mergulho alma e olhos
na escuridão...
E então Ele me reveste.

LADAINHA

Na escuridão
um vulto,
um véu no caramanchão.
Na silhueta de Úrsula
o pouso da coruja
e rasante d'último morcego.
Já na tênue luminosidade matinal
água e amor do jardineiro,
e porteiro se abrindo ao sinal
da campainha.
O primeiro aluno de centenas
percorre galerias
e desaparece.
Após missa, a ladainha
que repete décadas
à sombra de mangueiras
pouso de pombas, rolas e pardais,
sinais de vida em comunhão.
Bons dias de carrinhos e lancheiras,
sorrisos de livros e materiais,
chegada de jornais.
Incrível movimentação,
orgia pedagógica e cultural
ruído de jato que decola
entre concretos.
Discreto despertar de vida,
de esperança,
de escola.

RISCO

No jogo

o risco da perda.

Na vida

o risco da morte.

No sonho

o risco do nojo

de acordar,

abrir o estojo,

e com uma borracha

tudo apagar.

BIOGRAFIA DO AUTOR

Professor de matemática e coordenador pedagógico do COLÉGIO SANTA ÚRSULA DE RIBEIRÃO PRETO, ha 11 anos. Tem 2 filhos: Giovana e Rodrigo e é casado há 15 anos com Lúcia Aparecida. Tem publicado seus trabalhos nos jornais *O Diário* e *A Cidade de Ribeirão Preto*, nas colunas *Poetas da Terra* e *Poetas de Ribeirão Preto*, respectivamente, e é autor da letra do hino do 1º Encontro Rosacruz da região Norte do Estado de São Paulo.

Membro fundador nº 78 da Casa do Poeta e do Escritor fundada pela A.M.O.R. de Ribeirão Preto, onde recebeu o Diploma de Mérito Amoreano; com posse confirmada como Membro da Academia de Letras e artes de Ribeirão Preto — A.L.A.R.P. — cadeira nº 8 cujo patrono é Padre Euclides e Membro Titular correspondente e honorário da Academia Interamericana de Literatura e Jurisprudência de Anápolis/GO — é autor do livro ECOS de poemas, lançado em outubro de 1991.

Suas poesias também constam de 14 antologias da Litteris Editora Ltda, Rio de Janeiro, que são *Poetas de Ouro*, *O Amor na Literatura*, *Balcão de Poesias*, *Escritores de Ouro*, *Momentos Poéticos*, *anuario 1991*, *Os Mais Belos Escritos de Amor*, *Contos e Poemas do Brasil - 92*, *Novos Tempos*, *Poemas e Poetas IV*, *Contos e Crônicas - 1992*, *Palavras em Cores*, *O Povo na Literatura* e *Best Seller - 92*, escolhidas através de concurso.

Em 1992 obteve o 2º lugar no I CONCURSO NACIONAL DE LITERATURA DE CORDEL promovido pela A.M.O.R. — Associação dos Militares Oficiais da Reserva e Menção Honrosa nos concursos: I CONCURSO NACIONAL DE TROVAS promovido pela Soc. Amiga dos Pobres de Ribeirão Preto, CONCURSO NACIONAL COPLAVEN DE LITERATURA — Anápolis/GO e II CONCURSO NACIONAL DE TROVAS DA A.M.O.R.

...

Seus poemas já foram divulgados em diversas publicações dentre as quais citamos: Revista *Revide*, Revista *A TROLHA*, Boletins mensais da Catedral Metropolitana de Ribeirão Preto, Boletim Social e Esportivo dos Correios e Telégrafos, Folheto *O CLARIM*, Folha da ASHC (Hospital das Clínicas), Folheto IPSIS Letras, Diário Especial do Clube de Regatas Ribeirão Preto, Jornal do Centro Médico e do SINPAAE-RP.

